

A VIRTUDE DA PRUDÊNCIA (*PHRONESIS*) ARISTOTÉLICA COMO GUIA PARA UM USO RESPONSÁVEL DAS REDES SOCIAIS

THE ARISTOTLEAN VIRTUE OF PRUDENCE (PHRONESIS) AS A GUIDE TO RESPONSIBLE USE OF SOCIAL MEDIA

Danilo Andrade¹

Prof. Msc. Canício Scherer²

RESUMO: Diante das grandes transformações na comunicação, geradas pelas redes sociais e seus impactos na socialização humana, crescem os dilemas éticos relacionados à desinformação, à exposição excessiva e ao comportamento impulsivo de seus usuários. Por isso, ao invés de rejeitar essas mudanças, impõe-se o desafio de orientar o uso dos meios de comunicação a partir de critérios éticos. É nesse ponto que a virtude da *phronesis* se apresenta como resposta para deliberar como agir corretamente em situações concretas que emergem do ambiente virtual. A pesquisa, de caráter bibliográfico e exploratório, fundamenta-se na obra *Ética a Nicômaco* e em autores contemporâneos que tratam da ética e do ambiente digital. Parte-se de uma análise da ética aristotélica, diferenciando virtudes éticas e dianoéticas, para contextualizar a *phronesis* como guia para um comportamento ético nas vias digitais. Os resultados apontam que a *phronesis*, entendida como sabedoria prática voltada à deliberação sobre o melhor agir, oferece critérios para enfrentar desafios como *fake news*, cultura do cancelamento e vício digital. Conclui-se que, ao resgatar a ética aristotélica, a virtude da *phronesis* surge como atual e relevante para a formação de usuários críticos e moralmente conscientes em uma sociedade cada vez mais hiperconectada.

Palavras-chave: Prudência; Aristóteles; Ética; Redes Sociais; *Phronesis*.

ABSTRACT: Given the major transformations in communication generated by social media and their impact on human socialization, ethical dilemmas related to misinformation, excessive exposure, and impulsive behavior among users have increased. Therefore, rather than rejecting them, the challenge arises of guiding their use by ethical criteria. This is where the virtue of *phronesis* emerges as a response, enabling us to deliberate and act correctly in concrete situations that arise in the virtual environment. This bibliographical and exploratory research is based on Nicomachean Ethics and contemporary authors who address ethics and the digital environment. It begins with an analysis of Aristotelian ethics, differentiating between ethical and dianoetic virtues, to contextualize *phronesis* as a guide for ethical behavior in digital environments. The results indicate that *phronesis*, understood as practical wisdom focused on deliberation on the best course of action, offers criteria for confronting challenges such as fake news, cancel culture, and digital addiction. It is concluded that

¹ Centro Universitário Salesiano. UniSales. Vitória/ES, Brasil. Graduando. E-mail: danniloandrade2015@gmail.com

² Centro Universitário Salesiano. Vitória/ES, Brasil. Professor do UniSales; E-mail: cscherer@salesiano.br.

by rescuing Aristotelian ethics, the virtue of *phronêsis* emerges as current and relevant for the formation of critical and morally conscious users in an increasingly hyperconnected society.

Keywords: Prudence; Aristotle; Ethics; Social Networks; *Phronesis*.

1 INTRODUÇÃO

No cenário contemporâneo, marcado pela era digital, têm ocorrido transformações significativas nas formas de convivência e nas interações humanas, na comunicação pública e na dinâmica social. As redes sociais possuem uma grande responsabilidade sobre isso, pois representam um dos principais meios de expressão e circulação de informação nos dias atuais, uma vez que elas têm formado identidades, influenciado decisões nas esferas políticas e sociais, resignificando a compreensão dos limites entre o privado e o público. Em contraponto, esses avanços tecnológicos, na mesma via em que são positivos, ao ampliar as conexões e tornar as informações mais acessíveis, geram dilemas éticos que testam as habilidades humanas de realizar um discernimento responsável e equilibrado.

Aristóteles, em sua obra *Ética a Nicômaco* (2001), define a virtude da *phronesis* como uma disposição lógica que orienta a conduta moral, ajudando em circunstâncias reais da busca pelo bem-estar. Esse conceito não se limita à aplicação de normas gerais, mas exige sensibilidade à particularidade das circunstâncias, ponderação entre os meios e os fins, e um exercício constante do juízo prático. Em um ambiente digital marcado por excessos, polarizações e julgamentos precipitados, essa virtude apresenta-se como um instrumento filosófico pertinente para a crítica e a orientação das condutas individuais e coletivas.

A internet, com suas plataformas, vem transformando cada vez mais a forma de viver e se relacionar do homem de hoje, principalmente com as redes sociais. Já que as redes sociais, muito mais do que um atrativo, são responsáveis por fazer com que seus usuários passem horas conectados. Dessa forma, ao atraírem cada vez mais pessoas, muitas vezes para um uso abusivo e irresponsável, podem levar ao vício e à dependência digital, pois os sujeitos encontram nela meios para se desviarem da vida real, vivendo em um mundo virtual.

Diante da realidade da disseminação de desinformação, da exposição em massa e o estímulo para a reação imediata, se torna essencial uma reflexão filosófica sobre critérios que ajudem a direcionar as pessoas para um uso mais ético e responsável dessas ferramentas digitais. Nesse contexto, este artigo busca analisar até que ponto a virtude da *phronesis* apresentada por Aristóteles, compreendida como sabedoria prática, pode oferecer um modelo ético pertinente para o uso consciente das redes sociais, particularmente considerando os desafios morais e comunicacionais emergentes na sociedade.

Tendo isso em vista, este trabalho parte do pressuposto de que a prudência, enquanto virtude racional orientada pela justa medida, pode servir como guia para a construção de um *ethos* digital mais ético, equilibrado e humano. A hipótese que norteia esta investigação é a de que a *phronesis* aristotélica, ao integrar razão, experiência e sensibilidade moral, oferece fundamentos sólidos para um comportamento digital

pautado pela responsabilidade, pelo autocontrole e pelo compromisso com o bem comum.

Para construir um caminho de compreensão mais aprofundada sobre a *phronesis*, tema central deste trabalho, é de suma importância estabelecer um panorama introdutório da ética aristotélica, conforme apresentado na obra *Nicomacéia*, na qual Aristóteles discute a busca pela *eudaimonia* através da prática das virtudes, e as concebe como disposição da alma que orienta o comportamento humano em direção ao bem supremo.

Antes de adentrar a perspectiva da *phronesis*, a contextualização da estrutura da ética de Aristóteles é indispensável para a sua interpretação, especialmente a distinção entre virtudes éticas (morais) e virtudes dianoéticas (intelectuais). Essa distinção é decisiva para compreender a complexidade do pensamento ético de Aristóteles, sua aplicação prática e, em particular, para uma análise mais aprofundada da virtude da *phronesis*.

Assim, ao retomar a tradição ética aristotélica, busca-se não apenas atualizar suas categorias para os problemas contemporâneos, mas também propor uma alternativa ao automatismo das práticas digitais, resgatando a centralidade da reflexão moral na vida cotidiana.

Discutir a prudência de Aristóteles no cenário das redes sociais é de suma importância para a filosofia atual, uma vez que expande as perspectivas da reflexão ética, ligando uma tradição clássica a questões emergentes na área da tecnologia e comunicação. Ao propor uma retomada da *phronesis* como virtude reguladora da ação, esse debate contribui para resgatar a dimensão moral da vida cotidiana, muitas vezes escondida pela lógica algorítmica e pelo imediatismo informacional. Além disso, essa discussão permite uma crítica às práticas digitais alienadas, propondo um modelo de uso que valorize a consciência ética, o autocontrole e a responsabilidade individual diante do outro.

A ética aristotélica, especialmente em sua formulação sobre a prudência, permanece relevante porque oferece instrumentos conceituais para pensar a ação humana em sua concretude e pluralidade. Em um tempo no qual a tecnologia redefine os modos de agir, comunicar e decidir, a prudência se impõe como uma virtude orientadora indispensável para a formação de sujeitos críticos, conscientes e comprometidos com o bem comum. A proposta aristotélica, longe de ser ultrapassada, revela-se como uma prática filosófica transformadora que pode colaborar para a edificação de um *ethos* digital mais humano, equilibrado e justo. Desse modo, a filosofia moral clássica não apenas se mostra aplicável aos dilemas contemporâneos, como também reafirma seu papel essencial na formação de uma racionalidade ética voltada para os desafios do presente.

Tendo isso em vista, o objetivo geral deste trabalho é: demonstrar como a virtude da prudência (*phronesis*), segundo Aristóteles, pode servir como fundamento ético para orientar o uso consciente e responsável das redes sociais na contemporaneidade. E, para alcançar esse intento, pretende-se caracterizar o funcionamento das redes sociais e interpretar o conceito da virtude da prudência em Aristóteles para então refletir e demonstrar a possibilidade de aplicação da prudência na utilização das Redes Sociais.

2 REDES SOCIAIS E OS DESAFIOS ÉTICOS DA CONTEMPORANEIDADE

Um fato social observado desde as primeiras sociedades é que o ser humano é um ser relacional. É inerente às sociedades humanas a necessidade de se relacionar e se comunicar com outras pessoas, outros grupos e comunidades. Contudo, a diferença se dá na capacidade e velocidade de comunicação disposta a cada geração, deixando uma forma mais lenta e limitada no passado para uma mais rápida e fácil no tempo presente. Neste contexto, surgem as redes sociais, cuja evolução e impactos sociais, sobretudo entre os jovens, se manifestam ao longo da história.

A “rede” é um ambiente que, além de seus riscos de alienação, oferece a capacidade de experimentar uma inovação na forma de contato, de relação e de expressão às pessoas. Os “lugares” e as atividades em que isso se desenvolve chamam-se “sociais”, pois a substância deles reside na comunicação que acontece entre as pessoas que frequentam essas plataformas (Spadaro, 2016). Sobre essa temática, acrescenta o autor:

[...] é constituída por um grupo de pessoas ligadas, em geral, por interesses comuns, abertas a compartilhar pensamentos, conhecimentos, mas também pedaços de suas vidas: dos links aos sites que consideram interessantes, e até as próprias fotos e vídeos pessoais. Em suma, as networks sociais são compostas por pessoas comuns, não por técnicos ou especialistas, que distribuem conteúdos relativos os seus interesses e à sua própria existência (Spadaro, 2016, p. 14).

Assim, a era da comunicação se torna cada vez mais envolvente e mais rápida, impactando intensamente a vida das pessoas e até transformando sua rotina. Com os sites de redes sociais, a comunicação ganha um novo ambiente para trocas de informações e criação de vínculos.

Visto que a comunicação impõe-se [Sic] vultosa e acentuadamente na rotina das pessoas, em virtude da eclosão de novas mídias digitais e tecnologias para comunicação, as quais estão renovando o modo de aproximar as pessoas e de associar-se, surge uma nova relação quantitativa diante da interação, intensificada através de sites e de redes sociais. Com tantos acessos diários e usuários aos quatro cantos do mundo, essa troca de comunicação também é veiculada através de fotos, mensagens, perfis, vídeos, revelações, declarações e criações de comunidades (Mussio, 2017, p. 61).

Com o crescimento acelerado do volume de informações geradas pela sociedade no ambiente digital e a cultura de compartilhamento em expansão, somado ao desejo dos usuários de acessar cada vez mais conteúdo online, surgiu a necessidade de criar plataformas digitais que permitissem a interação entre as pessoas. Essas plataformas, hoje conhecidas como redes sociais (Facebook, X, Instagram, YouTube etc.), oferecem novas oportunidades para o compartilhamento de conteúdo por meio de imagens, vídeos e outras ferramentas. Neste sentido, para ampliar a compreensão sobre a questão, explica Vermelho (2014, p. 187):

Outro autor, Costa (2005), optou por batizar esses suportes de ‘redes sociais’. Estes são definidos como um sistema informal de troca, o que, segundo ele, transmutou o conceito de ‘comunidade’ para o de ‘rede social’ em função, principalmente, da multiplicação das ferramentas de colaboração online e das tecnologias de comunicação móvel, as quais se integraram às mídias tradicionais.

Assim, as redes sociais são definidas como um conjunto de aplicações da internet que se baseiam nos princípios ideológicos e tecnológicos da Web 2.0, permitindo a criação e a troca de conteúdo gerado pelos próprios usuários (Azevedo, 2024). As revoluções tecnológicas afetaram de forma significativa a vida das pessoas, que começaram a incluir em suas rotinas de vida diversas atividades, tais como trocar informações, compartilhar e enviar mensagens eletrônicas, engajar-se com outras pessoas, interagir e ser criador de conteúdos digitais com publicações de fotos, vídeos, textos entre outros. As redes sociais, portanto, trouxeram uma grande gama de oportunidades de interação para seus usuários, como aborda Recuero (2009, p. 102) ao apresentar de forma mais detalhada a estrutura delas:

Sites de redes sociais foram definidos por Boyd & Ellison (2007) como aqueles sistemas que permitem i) a construção de uma persona através de um perfil ou página pessoal; ii) a interação através de comentários; e iii) a exposição pública da rede social de cada ator. Os sites de redes sociais seriam uma categoria do grupo de softwares sociais, que seriam softwares com aplicação direta para a comunicação mediada por computador.

As redes sociais surgiram como uma novidade que implica diretamente a sociedade no âmbito relacional, conforme Azevedo (2024) as primeiras redes sociais começaram a surgir em 1995 como a pioneira *Classmates.com*, seguida por várias outras que, ao longo do tempo e das mudanças influenciadas pela globalização, adquiriram funcionalidades diversas ao seu tempo. No Brasil, o Orkut foi o pioneiro das redes sociais: oriundo de *Orkut Buyukkokten*, um engenheiro da empresa Google, em janeiro de 2004, trazia como ideal de seus criadores a ideia de proporcionar um espaço de interação, troca de experiências e criar conexões entre culturas, rompendo barreiras geográficas e sociais (Azevedo, 2024).

Com o passar do tempo, outras foram surgindo, como Facebook e X (antes chamado Twitter) e mais à frente o Instagram, e assim, o Orkut foi perdendo público. Em setembro de 2014, a plataforma Orkut encerrou suas atividades após dez anos de sua criação (Damasco, 2016).

O Facebook, uma das redes sociais mais utilizadas no mundo, esteve em movimento de crescimento devido a sua capacidade de interação, permitindo cada vez mais que os seus usuários possam criar perfis (páginas pessoais online) que funcionam como representação de suas identidades digitais, conforme Boyd e Ellison (2007), citados por Recuero (2009). Muitas foram as mudanças e adequações que as plataformas foram realizando ao longo do tempo, sempre visando manter o usuário pelo maior tempo possível na plataforma a fim de ganhar engajamento e, conseqüentemente, lucros.

O Instagram inaugura uma nova fase das redes sociais, uma era das imagens e vídeos, uma geração que valoriza cada vez mais o visual e a rapidez de informações em suas mãos, de forma clara e entretida. Essas múltiplas mudanças demonstram como as redes sociais foram capazes de realizar adaptações em suas interfaces e ferramentas para que melhor fosse a experiência de seus usuários, atender às demandas que emergem da sociedade e incorporar as inúmeras mudanças tecnológicas que ocorrem em um ritmo constante, criando padrões de interação online.

As redes sociais se configuram como um dos fenômenos mais marcantes da contemporaneidade, exercendo influência direta na comunicação, no comportamento e nas relações sociais. Conforme Santos e Santos (2014, p. 310), podem ser definidas como “[...] um meio de possibilidades, estabelecido a partir dos elementos virtuais e das relações entre os indivíduos usuários”. Diferentemente das mídias tradicionais, elas oferecem liberdade de interação e potencializam processos de mobilização e transformação social.

O crescimento no uso das mídias digitais é expressivo, haja vista que no mês de julho de 2025, cerca de 5,4 bilhões de pessoas já utilizavam redes sociais, o que representava quase 65,7% da população mundial (Datareportal, 2025). No Brasil, esse cenário também se destacou, com mais de 183 milhões de usuários de internet e 144 milhões de usuários das redes sociais em julho de 2025. Entre essas plataformas, podemos citar o YouTube, Facebook, WhatsApp, Instagram e X (Twitter), que ocupam papel central na comunicação cotidiana e no consumo de informações.

Contudo, essa expansão trouxe também desafios éticos e riscos de dependência digital. Alves (2014, p. 4) observa que o vício em internet, também chamado de “uso patológico” ou “dependência virtual”, pode ser compreendido como um distúrbio comportamental marcado por preocupação excessiva, sintomas de abstinência e prejuízo das relações sociais e profissionais. Nesse sentido, a internet tanto “[...] liga-nos e isola-nos socialmente” (Alves, 2014, p. 17), pois se apresenta como espaço de interação, mas também como terreno de isolamento e fuga da realidade.

A lógica breve e fragmentada da comunicação digital reforça tendências como a disseminação de *fake news* e a construção de realidades parciais (Santos; Santos, 2014). Além disso, o uso excessivo pode gerar desequilíbrio entre vida virtual e real, favorecendo quadros de ansiedade, depressão e solidão. Como alerta Alves (2014, p. 15), “[...] com a generalização da internet, a possibilidade de ter acesso de modo fácil e frequente a esses conteúdos aumentou muito o seu potencial de dependência”.

As redes sociais têm uma gama de conteúdos em suas plataformas. Pessoas de diferentes lugares podem facilmente ter acesso a isso, não havendo fronteiras. A liberdade de interação entre as pessoas e as diferentes maneiras de interagir tornam-se características que diferenciam essas redes das tradicionais mídias sociais como jornais, rádios, televisão etc. Não se trata apenas de uma forma de relacionamento entre os usuários, mas também de um meio de mobilização e de promoção de mudanças na sociedade vigente. Ou seja, as redes sociais potencializam a comunicação e dão forças a causas da vida real.

Também a internet, e conseqüentemente as redes sociais, possuem o poder de transformar o modo como os indivíduos se comportam. Podemos observar na contemporaneidade, os aspectos negativos causados por aqueles que utilizam destes meios indevidamente, pessoas que são atraídas pela facilidade e variedade informações, de oportunidades e recursos midiáticos, que acabam fazendo uso abusivo, levando a um vício e conseqüentemente à dependência da internet, uma utilização compulsiva ou até mesmo um uso patológico da internet (Alves, 2014).

Para uma melhor compreensão do que é vício, Nicola Abbagnano (1962) o define como o contrário da virtude, nos vários significados deste termo. Dentro da concepção aristotélica da virtude como hábito racional da conduta, o vício é um hábito irracional.

Em um sentido mais amplo, o vício é a falta ou defeito de alguma característica que um objeto qualquer deveria ter conforme uma regra ou norma que a ele diz respeito (Abbagnano, 1962). Diante dessas características, podemos identificar o vício como um mau hábito.

A abordagem das redes sociais se dá pela sua capacidade de seduzir as pessoas, com características interativas que proporcionam um ambiente social e interativo aos seus usuários. Elas fornecem uma experiência de comunicação confortável, o que favorece seu uso contínuo, até o ponto de abrir espaço para uma dependência.

Entre os aspectos negativos que existem na dependência da internet estão as doenças como: ansiedade, depressão, estresse, solidão, entre outras. Tal dependência, também, segundo Alves (2014) é um distúrbio comportamental que tira o indivíduo de suas responsabilidades sociais e profissionais.

Os meios virtuais, promovem envolvimento social fácil entre pessoas que não se conhecem. Ou, ainda, como a identidade está “mascarada”, fornece uma sensação de liberdade aos usuários para exprimir opiniões controversas sem o receio de serem rejeitados, confrontados ou julgados por outros usuários (Alves, 2014).

Muitas pessoas recorrem à internet para lidar com baixa autoestima, questões de identidade ou problemas nos relacionamentos. Quem apresenta dependência costuma ter dificuldades para criar vínculos reais e utiliza o anonimato virtual como forma de interagir sem se sentir ameaçado. Para indivíduos muito tímidos, as redes sociais tornam-se um espaço de satisfação de necessidades sociais e emocionais (Alves, 2014).

Mesmo com a problemática que permeia seu uso, a popularidade das redes sociais sustenta sua eficácia, permitindo ampliar rapidamente a interação entre as pessoas. Contudo, esse recurso apresenta desvantagens: pode gerar grande consumo de tempo e desequilíbrio, além de oferecer interações diferentes das presenciais, geralmente com menos benefícios reais e saudáveis (Alves, 2014).

O ambiente virtual favorece a dependência, já que oferece conteúdos atrativos que muitas vezes afastam o indivíduo da realidade e das relações presenciais. Como afirma Alves: “com a generalização da internet, a possibilidade de ter acesso de modo fácil e frequente a esses conteúdos aumentou muito o seu potencial de dependência” (Alves, 2014, p. 15). Esse cenário contribui para um novo perfil de usuários, distante da perspectiva ética de Aristóteles, que será analisada a seguir.

Assim, embora as redes sociais ampliem horizontes de comunicação e interação, também apresentam riscos éticos e existenciais que exigem uma reflexão crítica sobre seu uso responsável na sociedade contemporânea.

3 ARISTÓTELES E SEU PENSAMENTO ÉTICO

Em sua concepção ética, Aristóteles faz do *ethos*, caráter adquirido pelo hábito, um conceito filosófico rigoroso. A virtude ética é uma disposição que orienta afetos e escolhas em direção à justa medida, e se articula com uma pedagogia das paixões e dos costumes. Essa reflexão nasce do entrelaçamento de heranças: a tradição aristocrática (poesia épica e lírica), o teatro trágico e os debates pedagógicos e políticos de sua “época” (Vergières, 1998).

A relação entre ética e política é estrutural. Aristóteles descreve a política como ciência “arquitetônica”, ordenadora dos fins humanos, e compreende a realização do bem do indivíduo como dependente do bem da cidade. No Livro VI da *Ética a Nicômaco* (2001), ao classificar as formas de *phronesis* (prudência), distingue aspectos ligados à vida doméstica, à legislação e à ação política propriamente dita. A prudência aparece como saber prático que nos ensina a “conduzir o que nos é próprio” e, no plano cívico, sustenta a vida justa “junto dos cidadãos”. Assim, em constituições retas, a finalidade ética da cidade, o bem-viver comum, educa o caráter dos cidadãos e cria o espaço para a expressão das virtudes éticas e da própria prudência (Vergnières, 1998).

3.1 A ÉTICA A NICÔMACO

Quando discutimos sobre ética, estamos falando da conduta humana, o que, para alguns filósofos, se refere ao fim do homem como indivíduo. Na abordagem de Aristóteles e de seus predecessores, se refere ao fim do homem político. Podemos perceber então, que ao falarmos de ética as ações dos homens caminham ou deveriam caminhar para um determinado fim. Sobre essa tese, assim leciona Vázquez (2012, p. 274):

Há muitos fins, e uns servem para alcançar outros. Mas qual é o fim último para qual tende o Homem? Deve ficar claro que não se pergunta pelo fim de um homem específico — o sapateiro ou o tocador de flauta — mas pelo fim do homem enquanto tal, de todo homem. E Aristóteles responde: a felicidade (eudaimonia).

No livro I da obra *Ética a Nicômaco*, Aristóteles inicia sua reflexão falando sobre os fins e caminhada em busca do que poderá ser realmente o bem. Segundo o filósofo, todos nós, seres humanos, agimos em função do bem e colocamos este bem como a finalidade de todas as nossas ações. Em seu pensamento, a reflexão acerca do bem como finalidade de todas as ações do homem tem uma real importância e, por isso, pode-se lançar a pergunta: O que é o bem para Aristóteles? Em sua obra aqui mencionada, ele afirma:

Se há, então, para as ações que praticamos, algumas finalidades que desejamos por si mesma, sendo tudo mais desejado por causa dela, e se não escolhermos tudo por causa de algo mais (se fosse assim, o processo prosseguiria até o infinito, de tal forma que nosso desejo seria vazio e vão), evidentemente tal finalidade deve ser o bem e o melhor dos bens (Aristóteles, 2001, p. 17).

Aristóteles propõe que o bem é o fim último de todas as coisas, ou seja, das ações humanas. Para o filósofo, todo saber e toda a intenção tem um bem pelo qual anseia. Segundo ele: “Em palavras, o acordo quanto a este ponto é quase geral; tanto a maioria dos homens [...] dizem que este bem supremo é a felicidade, e consideram que viver bem e ir bem equivale a ser feliz” (Aristóteles, 2001, p. 19). A partir dessa afirmação, é possível inferir que o bem para Aristóteles é a felicidade. Mas quando se fala de felicidade, o filósofo diz que há desacordos, pois, para alguns, a felicidade está relacionada ao prazer, à honra, à riqueza. Indo de encontro à sua reflexão, o filósofo nos esclarece que:

Voltamos agora ao bem que estamos procurando, e olhamos qual a sua natureza. Em uma atividade ou arte ele tem uma aparência, e em outros a

casos outras. Ele é diferente em medicina, em estratégia, e o mesmo acontece nas artes restantes. Que é então o bem em cada uma delas? [...] Na medicina ele é a saúde, na estratégia é vitória, na arquitetura é a casa, e assim por diante em qualquer outra esfera de atividade, ou seja, o fim visado em cada ação e propósito, pois é por causa dele que os homens fazem tudo mais. Se há, portanto, um fim visado em tudo que fazemos, este fim é o bem atingível pela atividade (Aristóteles, 2001, p. 23).

Porém, para Aristóteles, a definição de bem vai além das questões imediatas, uma vez deve ser algo em vista do final da vida humana. Para o Estagirita, nem todos os fins atingem uma completude absoluta e o fim supremo parece ter evidentemente que ser completo, será este o fim procurado (Aristóteles, 2001).

A propósito, sobre o bem supremo, afirma Aristóteles (2001, p. 23):

Parece que a felicidade, mais que qualquer outro bem, é tida como este bem supremo, pois a escolhemos sempre por si mesma, e nunca por causa de algo mais; [...] ninguém escolhe a felicidade por causa das várias formas de excelência, nem, de modo geral, por qualquer outra coisa além dela mesma.

Neste caminho, Aristóteles (2001, p. 27) chega à conclusão, em suas próprias palavras: “Então a felicidade é o melhor, mais belo e mais agradável dos bens [...]”. O próprio filósofo apresenta questões ao leitor: Pode-se aprender a ser feliz? Se chega à felicidade pelo hábito? Ela é proporcionada por alguma divindade, ou pela sorte? Aristóteles desenvolve a resposta da seguinte forma:

Ainda que não seja uma graça dos deuses, mas nos venha como o corolário da excelência e algum processo de aprendizado ou exercício, a felicidade parece estar entre as coisas mais divinas, pois aquilo que é o prêmio e a finalidade parece estar entre as coisas mais divinas, pois aquilo que é o prêmio e a finalidade da excelência parece sumamente bom e alvo divino e bendito. [...] a felicidade também pode ser muito difundida, pois quem quer não seja deficiente quanto à sua potencialidade para a excelência tem aspirações a atingi-la mediante um certo tipo de aprendizado e esforço. Mas se é melhor ser feliz assim do que por sorte, é razoável supor que é assim que se atinge a felicidade [...] (Aristóteles, 2001, p. 27).

Ao analisar a reflexão de Aristóteles, encontramos a afirmação de que “[...] nenhuma das funções do homem é dotada de tanta permanência quanto as atividades conformes à excelência”, e ele acrescenta: “O homem feliz, portanto, deverá possuir o atributo em questão e será feliz por toda a sua vida, pois ele estará sempre [...] engajado na prática ou na contemplação do que é conforme à excelência” (Aristóteles, 2001, p. 29). Essas palavras deixam claro que a felicidade não pode ser reduzida ao caráter efêmero dos bens materiais, das honras ou dos prazeres, mas deve estar ligada àquilo que o ser humano realiza com excelência, pois somente o que é fruto da virtude permanece. Vejamos em suas próprias palavras:

Se há, então, para as ações que praticamos, alguma finalidade que desejamos por si mesma, sendo tudo mais desejado por causa dela, e se não escolhemos tudo por causa de algo mais (se fosse assim, o processo prosseguiria até o infinito, de tal forma que nosso desejo seria vazio e vão), evidentemente tal finalidade deve ser o bem e o melhor dos bens (Aristóteles, 2001, p. 17).

Aristóteles escreve sobre a necessidade do agir com moderação e, com isso, evitar os extremos, tanto os excessos quanto as faltas, que constituem os vícios, afirmando que a virtude consiste justamente no equilíbrio entre esses opostos. Para alcançar tal

estado, contudo, o indivíduo precisa de um profundo amadurecimento e autoconhecimento. Esse processo requer uma reflexão constante sobre a própria natureza e sobre os próprios limites, o que possibilita escolhas autônomas e livres. A escolha moral, nesse sentido, é essencial e se caracteriza pelo discernimento orientado pela *phronesis*, virtude fundamental que define o indivíduo como bom e justo. A capacidade de escolher adequadamente expressa, portanto, o verdadeiro julgamento moral e a aptidão para deliberar sobre o que é correto e virtuoso.

Em todas as disposições que mencionamos, da mesma forma que nas demais, há um certo alvo a visar, no qual as pessoas que usam a razão fixam o olhar para intensificar ou relaxar os esforços no sentido de adotar o meio termo; e há um cerco padrão determinando o meio termo, que dizemos situar-se entre o excesso e a falta e ser conforme à reta razão (Aristóteles, 2001, p. 113).

Desse modo, vemos que, segundo o pensamento aristotélico, o homem é capaz de alcançar a felicidade devido à faculdade da razão. É por meio dela que o indivíduo exerce as virtudes para então alcançar o bem supremo, a *eudaimonia*.

3.1.1 Virtudes éticas e dianoéticas

No livro VI, de sua obra *Ética a Nicômaco*, Aristóteles faz uma distinção entre as virtudes éticas e outras virtudes denominadas dianoéticas. Segundo o filósofo, as virtudes éticas são aquelas que estão associadas a hábitos próprios do intelecto enquanto este é a causa da ação humana; já as virtudes dianoéticas são da parte meramente especulativa do intelecto humano. Sobre essa diferenciação das virtudes, leciona Abbá, citado por Alves (2010, p. 8-9):

Aperfeiçoando a parte apetitiva da alma, as virtudes éticas a inclinam estavelmente a perseguir fins determinados, os fins virtuosos. Mas para poder dar forma concreta a esses fins na práxis, essas têm necessidade do contributo da *phronesis*. Essa, enquanto virtude dianoética da parte não científica, mas sim da parte calculadora da razão, busca, delibera, inventa, julga aquelas ações que, nos particulares das situações, correspondem aos fins que inclinam as virtudes éticas. O resultado da obra conjunta das virtudes éticas e da *phronesis* é a boa *prohairesis*, a boa escolha. Essa, enquanto desejo julgado ou juízo desejado, constitui o princípio, interno ao agente, das ações. Principalmente nas boas escolhas consiste a *eupraxia*, ou boa práxis.

As virtudes éticas segundo Alves (2010, p. 9) são “disposições habituais da parte apetitiva da alma humana, que a inclinam a alcançar os fins adequados à própria natureza”. Sendo assim, a prudência, sendo considerada uma virtude dianoética, dirige a ação do homem para conseguir alcançar esses fins. Ainda no Livro VI, Aristóteles afirma que as virtudes possuem uma característica comum a todas e a sua inclinação à verdade: “[...] a verdade é a função (érgon) própria de todas as faculdades intelectuais” (Alves, 2010, p. 9).

O Livro em questão estabelece que a faculdade racional da alma possui duas considerações da alma humana: há uma parte que se ocupa das coisas que são e outra que considera as coisas que podem ser. Assim, se identifica a primeira como a verdade das coisas existentes, o que o filósofo chama de “intelecto teórico”, já a segunda consideração está relacionada com a ação humana (“intelecto prático”). As duas faculdades do intelecto possuem seu gênero próprio de verdade: uma verdade teórica e uma verdade prática (Alves, 2010).

Nesse livro, Aristóteles observa que a característica essencial de todas as virtudes do intelecto é a sua intrínseca relação com a verdade, que é a função ou *érgon* própria de todas as faculdades intelectuais. Desse modo, as virtudes intelectuais fundamentais consistem em disposições que habilitam a alma a "estar na" ou "se dar com" a verdade (*aletheúe*). De modo complementar,

As virtudes intelectuais (ou dianoéticas) que Aristóteles enumera são: a arte ou técnica (*téchne*), a prudência ou sabedoria prática (*phronesis*), a ciência (*epistémé*), o uso do intelecto não-discursivo (*noûs*) e a sabedoria (*sophía*). Dentre essas virtudes, a técnica e a prudência se vinculam ao uso prático do intelecto; a ciência e a sabedoria dizem respeito ao uso teórico-especulativo do intelecto (Alves, 2010, p. 9).

Feitos estes esclarecimentos, segue uma análise da virtude da *phronesis* e sua importância para a vida eudaimônica.

3.1.2 A virtude da *phronês* aristotélica

Aristoteles faz a distinção entre as virtudes intelectuais (*dianoéticas*), como a sabedoria (*sophia*), a ciência (*episteme*) e a prudência (*phronesis*), que se adquire pela aprendizagem, e estão relacionadas ao conhecimento e à contemplação; e as virtudes morais (éticas), como a justiça, a moderação e a coragem, que se adquire por meio do hábito. Essas virtudes não são meros reflexos condicionados, mas sim disposições interiores, ou hábitos, guiados pela razão, regulados pela sabedoria prática, ou seja, pela prudência, e aperfeiçoados pela experiência. Esses hábitos possuem uma qualidade teleológica (*telos*), isto é, visam a um fim ou a um propósito, que é cumprir da melhor forma possível uma determinada tarefa (Cruz, 2020).

A *phronesis* é entendida como uma sabedoria prática, capaz de avaliar e escolher o melhor curso da ação, levando em consideração as circunstâncias de cada contexto. Essa virtude é elaborada no Livro VI da obra *Ética a Nicômaco*. Para Silva, Viola e Fleig (2008), Aristóteles não se baseou na concepção de Platão para formular sua noção de *phronesis*, mas seguiu a tradição, mantendo o sentido da palavra desde os tempos antigos.

O filósofo via a *phronesis* como uma virtude intelectual, ligada à verdade, ao conhecimento e à razão. Essa virtude possui como característica a deliberação correta do agir, ou seja, uma virtude que separa o que é benéfico do que é prejudicial. Afirma o pensador que a *phronesis* é uma disposição prática da moral ligada à regra da escolha, uma disposição prática acompanhada de regra verdadeira, ou seja, ao que é bom ou mau para o homem em sua vida.

A busca e a repulsa na esfera do desejo correspondem à afirmação e à negação na esfera do pensamento; por isto, já que a excelência moral é uma disposição da alma relacionada com a escolha, e a escolha é o desejo deliberado, segue-se que, para que a escolha seja boa, tanto a razão deve ser verdadeira quanto o desejo deve ser correto e este deve buscar exatamente o que aquela determina. Este tipo de pensamento e de percepção da verdade é de natureza prática; quanto ao pensamento contemplativo, que não é nem prático nem produtivo, o bom e o mau funcionamento são respectivamente a percepção da verdade e a impressão da falsidade; com efeito, esta é função de toda a parte intelectual do homem, enquanto o bom funcionamento da inteligência prática é a percepção da verdade conforme ao desejo correto (Aristóteles, 2001, p. 114).

O filósofo faz uma relação entre o desejo e a razão e a excelência moral, esclarecendo que para que uma ação seja moralmente excelente (virtuosa), deve haver uma correspondência entre a parte racional (o pensamento) e a parte apetitiva (o desejo). A escolha correta acontece quando o desejo adere àquilo que a razão determina como justo. Aristóteles faz a distinção entre o pensamento prático, que direciona a ação, e o contemplativo, que busca a verdade sem intenção da ação. Para alcançar a excelência moral, é preciso uma harmonia entre razão e desejo, em que a razão é aquela que estabelece o que é correto e o desejo vai agir de acordo com o impulso, chegando assim a uma escolha virtuosa. Diante disso, as pessoas que possuem discernimento possuem a capacidade de deliberar sobre as suas ações, ou seja, são dotadas de excelência:

O discernimento deve ser então uma qualidade racional que leva à verdade no tocante às ações relacionadas com os bens humanos. Mas além disso, embora haja uma excelência em matéria de arte, não há tal excelência em matéria de discernimento; na arte, é preferível a pessoa que erra conscientemente, mas em matéria de discernimento, à semelhança do que acontece com as várias formas de excelência, ocorre o contrário. É claro, então, que o discernimento é uma forma de excelência, e não uma arte. Havendo, portanto, duas partes da alma dotadas de razão discernimento deve ser uma forma de excelência de uma das duas, ou seja, da parte que forma opiniões, pois a opinião se relaciona com o que é variável, da mesma forma que o discernimento. O discernimento, entretanto, não é apenas uma qualidade racional, e isto é evidenciado pelo fato de se poder deixar de usar uma faculdade puramente racional, mas não o discernimento (Aristóteles, 2001, p. 117).

Além disso, Aristóteles ressalta o caráter prático da *phronesis*, ao afirmar que é por meio dela que as ações humanas se tornam justas e virtuosas. O homem prudente reflete com discernimento antes de decidir e agir, exercendo a cautela de modo adequado às situações, sem exageros nem omissões (Campelo, 2014).

[...] a *phronêsis* da Ética Nicomaquéia somente é reconhecida nos homens cujo saber é ordenado para a busca dos “bens humanos” e por isso sabem reconhecer “o que lhes é vantajoso”. Enfim, a *phronêsis* que era assimilada à *sophia*, aqui lhe é contraposta: a sabedoria diz respeito ao necessário, ignora o que nasce e perece, portanto, é imutável como o seu objeto; a *phronêsis* diz respeito ao contingente, é variável segundo os indivíduos e circunstâncias. Enquanto a sabedoria é apresentada, em outro lugar como uma forma de saber que ultrapassa a condição humana, a *phronêsis*, graças a seu caráter humano desce do primeiro nível: “é absurdo pensar que a prudência seja a forma mais elevada do saber, se é verdade que o homem não é o mais excelente do universo.” Ora, ele não o é: existem, de fato, outros seres muito mais divinos que o homem, por exemplo, para nos atermos aos mais manifestos, dentre eles, os Corpos dos quais o Universo é formado (Aubenque, 2003, p. 23-24).

Para Aristóteles a virtude consiste em realizar bem o que se faz, e as virtudes devem estar em sintonia com a *phronesis*. A pessoa prudente guia suas ações sempre visando à *eudaimonia*, ou seja, viver e agir virtuosamente para então alcançar a felicidade. O agir corretamente não restringe o ser virtuoso, mas também se deve levar em conta onde, quando e com quem se realiza a ação. A *phronesis* se torna uma virtude de uma boa deliberação, como guia para a ação humana, e é essencial para a realização do bem supremo.

[...] a prudência é a disposição que permite deliberar corretamente sobre o que é bom ou mau para o homem (não em si, mas no mundo tal como é, não em geral, mas em determinada situação) e agir em consequência, como convier. É o que poderíamos chamar de bom senso, mas que estaria a serviço de uma boa vontade. Ou de inteligência, mas que seria virtuosa. É nisso que a prudência condiciona todas as outras virtudes; nenhuma, sem ela, saberia o que se deve fazer, nem como chegar ao fim (o bem) que ela visa (Comte-Sponville, 1996, p.18)

A *phronêsis* é, porquanto, uma virtude intelectual ligada à dimensão racional da alma que exige mais do que o simples aperfeiçoamento das faculdades intelectuais para alcançar um juízo adequado sobre a ação correta (Campelo, 2014). O homem prudente configura-se como exemplo de bom cidadão e de virtude, pois sabe deliberar e avaliar com retidão, buscando o bem tanto individual quanto coletivo, seja na esfera privada ou na vida política.

A *phronêsis* orienta o uso sensato e adequado das virtudes, ajudando o ser humano a encontrar a melhor solução em situações complexas e a evitar interpretações equivocadas que poderiam gerar consequências negativas. Essa virtude é indispensável, pois nenhuma outra pode ser plenamente exercida sem ela. A justiça, por exemplo, exige deliberação, escolha e ação. Sem a prudência, nenhuma virtude se realiza de forma completa, já que é a inteligência prática que converte as boas intenções em atitudes eficazes e moralmente corretas (Comte-Sponville, 1996).

Além do mais, de acordo com Vergnières (1998, p. 133) “A prudência é esta capacidade de encontrá-la, não de maneira abstrata, mas realizando-a. O homem prudente é, pois, aquele que revela como ser justo em tal ou tal circunstância concreta, esclarecendo a capacidade de situação prática [...]”.

O conceito de *phronesis* em Aristóteles ajuda na interpretação de sua ética e sua aplicação na vida prática. Assim, ao analisar a obra aristotélica, compreendemos a função da *phronesis* na formação da ação virtuosa. Neste sentido, segundo Pinheiro (2015), Aristóteles desenvolve uma pesquisa acerca da felicidade, apresentando seu conceito e os elementos que a compõem, bem como os fatores que contribuem para uma vida feliz. E, conforme já discutido anteriormente, o filósofo ainda destaca que a felicidade está vinculada à virtude por meio de um elemento cognitivo que expressa a excelência racional do ser humano, orientada para fins práticos. Nesse sentido, o componente intelectual responsável por reconhecer e realizar a boa ação se manifesta na *phronesis*.

Por fim, a virtude da *phronesis* é importante na elaboração de um caráter ético e sólido, principalmente na construção de um indivíduo prudente, para que se possa desenvolver bem as demais virtudes. Diante disso, Comte-Sponville (1996) caracteriza a virtude da *phronesis* como a base em que as outras se sustentam, funcionando como a inteligência prática, que é a ação ética. Esse entendimento ajuda na busca do bem agir diante da utilização das redes sociais, praticando e desenvolvendo a virtude da prudência, o que envolve um julgamento contínuo sobre como aplicar as virtudes nas circunstâncias concretas da vida.

4 METODOLOGIA

Neste trabalho, foi abordada a questão das redes sociais, que estão cada vez mais inseridas na realidade e no cotidiano da sociedade contemporânea. Seu mau uso pode acarretar consequências éticas severas ao usuário, fugindo daquilo que Aristóteles define como o caminho das virtudes que devemos praticar para alcançar relações conscientes e éticas que favoreçam a vida em sociedade.

Em seguida, buscou-se analisar e explicitar o conceito da *phronesis* na filosofia de Aristóteles, tomando como base a sua célebre obra intitulada *Ética a Nicômaco* (2001). Por ser reconhecido como o primeiro filósofo a sistematizar a ética como um campo da filosofia, é nela que se encontra uma direção que o próprio pensador denomina de "meio termo", essencial para alcançar o objetivo maior da existência humana: o bem supremo, ou seja, a felicidade.

A execução do referido trabalho se baseou em pesquisas bibliográficas de cunho exploratório. Nesse contexto, conforme explica Vergara (2010), a pesquisa bibliográfica é entendida como um estudo organizado que se apoia em materiais já publicados, como livros, tais como: *A prudência em Aristóteles* (Aubenque, 2003), *Pequeno tratado das grandes virtudes* (Comte-sponville, 1996), *Ética e política em Aristóteles: physis, ethos, nomos* (Vergnières, 1998) e *Ética, mídia e comunicação: relações sociais em um mundo conectado* (Martino; Marques, 2018), que oferecem suporte teórico para a compreensão da ética aristotélica e sua relação com os desafios contemporâneos. Além dos livros, foram explorados também revistas, jornais e conteúdos disponíveis na internet, como artigos sobre o tema em questão, especialmente "A virtude da prudência na ética aristotélica" (Alves, 2010) e "Os desafios do uso do ChatGPT no ensino e pesquisa em Administração: uma discussão baseada na ética das virtudes" (Jacinto et al., 2023), bem como publicações em bases digitais e periódicos especializados. Ou seja, fontes acessíveis ao público em geral que permitiram realizar uma pesquisa consistente para a análise e abrangência do tema investigado.

A pesquisa tem caráter exploratório porque, como explica Gil (2002, p. 41), esse tipo de estudo busca oferecer uma compreensão inicial mais clara sobre o problema investigado. O objetivo é tornar o tema mais evidente ou até mesmo ajudar na formulação de hipóteses. De modo geral, esse tipo de pesquisa tem como foco principal o desenvolvimento de ideias e a descoberta de novas percepções.

A pesquisa bibliográfica, de caráter exploratório é de suma importância e se fez necessária para levantar informações e explanar alguns conceitos a respeito dos estudos sobre a *phronesis* (a virtude da prudência) apresentada por Aristóteles e sua relação com a utilização das redes sociais.

5 RESULTADOS E DISCUSSÃO

5.1 A VIRTUDE DA *PHRONESIS* E A UTILIZAÇÃO DAS REDES SOCIAIS

Aristóteles (2001), apresenta a *phronesis* como a virtude intelectual que permite ao ser humano deliberar corretamente sobre o que é bom ou mau para sua vida e agir de acordo com esse discernimento. Essa deliberação se faz necessária no cotidiano da vida das pessoas, como na presença das redes sociais que vêm transformando as relações humanas, as formas de comunicação e até mesmo a forma de perceber os

sujeitos entre si. Diante desse cenário de imediatismo, excesso de informação e exposição constante, se torna necessário refletir sobre a conduta ética que deve orientar o comportamento humano na utilização das redes sociais. É nesse sentido, que a virtude da *phronesis*, possui um valor singular como norteadora de um uso mais consciente e responsável das redes sociais.

Martino e Marques (2018) destacam que as práticas cotidianas de mídia, como os compartilhamentos, os comentários, as curtidas ou a curadoria de conteúdos, carregam implicações éticas profundas, em que cada escolha no agir digital, de publicar ou omitir, repercute no tecido social. A virtude da prudência se mostra, nesse sentido, como essencial para que tais ações sejam guiadas com responsabilidade e respeito ao outro.

[E]nquanto a sabedoria teórica diz respeito à verdade e à falsidade das coisas imutáveis e contribui para o conhecimento sistemático, a *phronesis* trata da esfera da ação humana, do que pode ser de outra forma ([Aristotle], 2002, 1139a8-9). Isso porque, segundo Aristóteles, a *phronesis* propriamente dita decisões (*prohairesis*), cada uma das quais incorpora uma prescrição ou razão correta para um dado conjunto de circunstâncias, que são sensíveis ao contexto, ou seja, variam com as características da situação e do indivíduo que vivencia a situação” (Darnell et al, apud Jacinto, 2023, p. 12).

Os atos da *phronesis* podem também ser aplicados para ponderar sobre a utilização das redes sociais em si, seus riscos e suas implicações éticas na sociedade. O ato de comando envolve três subpartes: “A providência, que ordena algo adequado ao fim, a circunspeção, atenta para as circunstâncias de ação, e a prevenção ou cautela, que busca evitar ao mal, especialmente quando se mascara como bem” (Jacinto *et al.*, 2023. p. 11-12).

O conhecimento sobre a *phronesis* aponta para as diversas funções que podem ser importantes para a utilização das redes sociais. Ela (a *phronesis*) permite avaliar quão adequada é uma ação no contexto de uma comunidade voltada para a prática (Jacinto *et al.*, 2023), como o amplo ambiente digital no qual as redes sociais conectam as pessoas.

A disseminação de *fake news* no ambiente digital é potencializada pela ausência de reflexão. Diante de conteúdos alarmistas e sensacionalistas, muitos usuários compartilham informações sem checar sua veracidade, movidos pela emoção ou pelo desejo de engajamento. A *phronesis*, ou prudência, seria um exercício de reflexão que convida à deliberação antes do clique, incentivando o questionamento sobre a motivação do compartilhamento e as consequências sociais da publicação. Assim, o indivíduo prudente, em vez de agir impulsivamente, verifica as fontes, confronta dados e pondera sobre os seus efeitos futuros, seguindo o movimento prático descrito pelo filósofo.

Diante de discursos de ódio e debates agressivos nas redes sociais, a prudência exige uma reflexão que vá além do conteúdo. A ética de Aristóteles lembra que, mais importante do que ter razão, é agir com virtude ao se expressar. Assim, a deliberação prudente substitui a reação impulsiva por uma resposta que seja justa, moderada e respeitosa com o próximo e com a sociedade.

Com base no arcabouço aristotélico, afirma Jacinto *et al.* (2023, p. 12):

[...] propõem um modelo formado por quatro funções principais: (1) função constitutiva: permite ao agente perceber as características éticas salientes de uma dada situação; (2) função integrativa: permite integrar essas características éticas salientes, as quais podem estar em conflito; permite equilibrar emoções e raciocínio como sugerido por Sison e Ferrero (2015); (3) função *blueprint*: alinhamento da identidade pessoal a sua concepção de boa vida (eudaimonia); e (4) regulação emocional: possível graças às virtudes morais já adquiridas.

Transportando esse princípio para o contexto das redes sociais, se nota que o agir prudente se manifesta na capacidade de avaliar as consequências de cada ação no ambiente virtual, ou seja, aquilo que se publica, compartilha, curte ou comenta, considerando em sua ação não apenas o interesse individual, mas também o impacto gerado ao coletivo. Assim, a “*phronesis* digital”, pode ser entendida como a aplicação da sabedoria prática da deliberação aristotélica no universo virtual, exigindo mais reflexão antes da ação, discernimento diante de conflitos e responsabilidade frente ao outro que compartilha do mesmo ambiente digital.

É por meio da *phronesis* que a pessoa se torna habilitada a ser ponderada, aprende a deliberar corretamente e adquire a capacidade de pensar e agir em situações particulares. É por meio dela que se determinam os meios certos para o fim certo de uma ação específica. Além disso, ela consiste em analisar valores, o bom e o ruim como ponto de partida para a ação (Aristotle, 1985). Essa característica, inerente ao ser humano, é suprimida a partir do momento em que um artefato direciona para a pessoa aquilo que é melhor para ela (Jacinto *et al*, 2023, p.14).

A ética aristotélica permanece relevante nos dias de hoje, servindo como um guia valioso frente aos excessos do mundo digital. Em um ambiente de estímulos constantes, a virtude da prudência surge como um contraponto necessário contra a impulsividade e o exibicionismo online, que se manifestam na publicação compulsiva de detalhes pessoais. Essa necessidade incessante de validação externa, por meio de curtidas e comentários, substitui a busca por uma vida autêntica e ética por meras performances de identidade, moldadas pelo desejo de aprovação alheia.

Conforme anteriormente refletido, a *phronesis* “[...] é a disposição que permite deliberar corretamente sobre o que é bom ou mau para o homem [...] e agir em consequência, como convier (Aubenque, 2003, p. 23). Essa disposição, no ambiente virtual, se traduz na capacidade de autocontrole, de resistir à pressão do engajamento rápido e das respostas automáticas, privilegiando a reflexão e o diálogo respeitoso.

É sabido que no ambiente digital vicejam várias formas de vícios, e não somente nas redes sociais, o que demonstra que a aplicabilidade dos conceitos aristotélicos é, mesmo vinte séculos depois de formulados, extremamente pertinente para vislumbrar o impacto que eles geram nas relações humanas no mundo digital. Isso se constata pela realidade do mundo contemporâneo que apresenta as ambiências comunicacionais em suas redes sociais como ocasião de suprir necessidades, desejos, carências e relacionamentos. Cabe ao usuário cultivar a virtude da prudência e, assim, estabelecer seus padrões éticos diante do enfrentamento de situações em que existe a possibilidade de desenvolver o vício pela realidade virtual, como uma fuga do mundo real.

Além disso, autores contemporâneos sobre ética digital, como Luciano Floridi (2025), destacam a importância da responsabilidade comunicativa para preservar a

integridade informacional e a confiança entre os usuários. Assim, exercer a prudência nas redes sociais não é apenas uma atitude individual, mas um compromisso ético que reforça o respeito mútuo e contribui para um ambiente virtual mais seguro e construtivo.

A prudência nas redes sociais pode ser aplicada por meio de algumas práticas essenciais. Primeiramente, é importante refletir antes de postar ou compartilhar informações, garantindo que o conteúdo seja verdadeiro e respeitoso, evitando a propagação de notícias falsas e discursos de ódio. Além disso, cultivar a empatia, tentando compreender diferentes perspectivas, contribui para um diálogo mais construtivo e menos conflituoso.

Outro aspecto relevante é a proteção da privacidade, evitando a exposição excessiva de dados pessoais que podem ser usados de forma indevida. Por fim, adotar uma postura crítica diante das informações recebidas, verificando fontes e contextos, permite uma participação mais consciente e ética no ambiente digital. Dessa forma, a prudência nas redes sociais promove não apenas a segurança individual, mas também o fortalecimento da ética e do respeito coletivo no mundo virtual.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O uso das redes sociais no cotidiano das pessoas revela questões éticas transversais, tais como privacidade, exposição excessiva, disseminação de *fake news*, gerando consequências éticas para a vida em sociedade. Diante do mau uso das redes sociais, a virtude da prudência serve como guia na sua utilização.

A pesquisa teve como propósito demonstrar de que modo a virtude da *phronesis*, conforme elaborada pelo filósofo Aristóteles, pode orientar o uso consciente e responsável das redes sociais nos dilemas da contemporaneidade. Partindo da análise dos impactos éticos e comportamentais provocados pelo ambiente digital, constatou-se que a lógica do imediatismo, da reação impulsiva e da exposição permanente favorece vícios e desequilíbrios, enfraquecendo a capacidade humana de deliberar com prudência sobre suas ações.

A reflexão aristotélica mostrou-se importante e atual, pois, ao apresentar a prudência como sabedoria prática, capaz de deliberar retamente sobre os meios em vista do bem viver, oferece uma chave ética para a vida em sociedade, inclusive nas esferas digitais. A *phronesis*, ao integrar razão, experiência e sensibilidade moral, permite avaliar consequências, ponderar emoções e ordenar escolhas, favorecendo relações mais responsáveis, respeitadas e humanizadas no ambiente digital.

Assim, verificou-se que a prudência pode servir de fundamento para um *ethos* digital que reconheça os limites, valorize o diálogo, combata a desinformação e promova um agir ético voltado ao bem comum. A pesquisa demonstra, portanto, que resgatar a *phronesis* no contexto das redes sociais significa recuperar a centralidade da reflexão e da responsabilidade moral em tempos de hiperconectividade.

A atualidade do pensamento do filósofo é notória ao se debruçar sobre os dilemas do mundo contemporâneo. Sua obra é especialmente pertinente para analisar o impacto das redes sociais na vida humana, discutindo as complexas relações entre a busca pela felicidade e a ética. Longe de ser um tema finalizado por esta pesquisa, a

intenção é estimular a reflexão filosófica para aprofundar a compreensão das relações humanas na era digital e antecipar os desdobramentos futuros.

Em seguimento a esse estudo, que evidentemente não se esgota, sugere-se que pesquisas futuras aprofundem esta relação, explorando a formação ética dos usuários, práticas pedagógicas para o uso crítico das mídias e a construção de uma “educação para a prudência digital”.

REFERÊNCIAS

ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de filosofia**. São Paulo: Mestre Jou, 1962.

ALVES, Anderson Machado R. A virtude da prudência na ética aristotélica. **Synesis**, v. 1, 2010. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/descarga/articulo/6356573.pdf>. Acesso em: 15 set. 2025.

ALVES, Pedro André Brites. **A dependência da internet e efeitos na saúde**. 2014. 120 f. Tese (Mestrado em Sistemas e Tecnologias da Informação para a Saúde) – Instituto Politécnico de Coimbra, Coimbra, 2014. Disponível em: <https://comum.rcaap.pt/entities/publication/dabdfa96-ccc5-4236-9b0b-a1a0789afaf9>. Acesso em: 30 ago. 2025.

ARISTÓTELES. **Ética a Nicômaco**. Tradução de Mário da Gama Kury. Brasília: 4. ed. Editora Universal de Brasília, 2001.

AUBENQUE, Pierre. **A prudência em Aristóteles**. Tradução de Marisa Lopes. São Paulo: Discurso Editorial, 2003.

AZEVEDO, Samuel Zwinglio Bessa Saldanha de. **Evolução do feed de notícias em redes sociais: análise do Orkut, Facebook, Instagram e X**. 2024. 50 f. Monografia (Graduação) - Curso de Comunicação Social Publicidade e Propaganda, Comunicação Social, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, Rn, 2024. Disponível em: https://repositorio.ufrn.br/bitstream/123456789/58757/1/Monografia_-_Samuel_Zwinglio_Final_Corrigida.pdf. Acesso em: 19 ago. 2025.

CAMPELO, Olívia Brandão Melo. A prudência aristotélica. **Revista Jurídica Eletrônica da UFPI**, Teresina, v. 1, n. 7, 2015. Disponível em: [\[www.ojs.ufpi.br/index.php/raj/article/view/3341\]](http://www.ojs.ufpi.br/index.php/raj/article/view/3341). Acesso em: 15 set. 2025.

COMTE-SPONVILLE, André. **Pequeno tratado das grandes virtudes**. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

CRUZ, Jorge Silva. Ética das virtudes: em busca da excelência. **Revista de Medicina**, São Paulo, v. 99, n. 6, p. 591-600, nov./dez. 2020. Disponível em: <https://revistas.usp.br/revistadc/article/view/173129>. Acesso em: 22 set. 2025.

DAMASCO, Livia. A história do orkut. **Techtudo**, 24 jan. 2016. Disponível em: <https://www.techtudo.com.br/noticias/2014/07/historia-do-orkut.ghtml>. Acesso em: 01 ago. 2025.

DATAREPORTAL. **Estatísticas globais de julho**. Disponível em: <https://datareportal.com/>. Acesso em: 25 ago. 2025.

FLORIDI, Luciano. **A ética da inteligência artificial: princípios, desafios e oportunidades**. Curitiba: PUCPRESS, 2025.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2002. <https://comum.rcaap.pt/bitstream/10400.26/14526/1/Pedro%20Andr%C3%A9%20Brites%20Alves.pdf>. Acesso em: 26 ago. 2025.

JACINTO, Elize.; BERTONCINI, Ana Luize Correa; AMES, Maria Clara Figueiredo Dalla Costa; SERAFIM, Mauricio C. Os desafios do uso do ChatGPT no ensino e pesquisa em Administração: uma discussão baseada na ética das virtudes. In: **XLVII Encontro da ANPAD – EnANPAD 2023**, São Paulo, 26-28 set. 2023. Anais... São Paulo: ANPAD, 2023. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/374951164_Os_desafios_do_uso_do_ChatGPT_no_ensino_e_pesquisa_em_Administracao_uma_discussao_baseada_na_etica_das_virtudes. Acesso em: 15 out. 2025.

MARTINO, Luís Mauro Sá; MARQUES, Ângela Cristina Salgueiro. **Ética, Mídia e comunicação: relações sociais em um mundo conectado**. São Paulo: Summus, 2018.

MUSSIO, Rogéria Albertinase Pincelli. **A geração Z e suas respostas comportamental e emotiva nas redes sociais virtuais**. 2017. 204 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Pós-graduação em Desenvolvimento Humano e Tecnologias, Universidade Estadual Paulista, Instituto de Biociências de Rio Claro, Rio Claro-SP, 2017. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/entities/publication/f6425f53-10ba-489e-9509-5d97628ac3ba>. Acesso em: 10 out. 2025.

PINHEIRO, Caroline Bekmessian; GUTIÉRREZ, Jorge Luis Rodriguez. **A prudência em Aristóteles e a formação ética**. in: 67ª Reunião Anual da SBPC. São Paulo, 2015. Disponível em: <http://www.sbpcnet.org.br/saocarlos/home/>. Acesso em: 17 set. 2025.

RECUERO, Raquel. **Redes sociais na internet**. Porto Alegre: Sulina, 2009. (Coleção Cibercultura). 191 p. Disponível em: https://www.researchgate.net/profile/Raquel-Recuero/publication/259328435_RedessociaisnaInternet/links/0c96052b036ed28f4d000000/Redes-Sociais-na-Internet.pdf. Acesso em: 28 ago. 2025.

SANTOS, José Erimar dos; SANTOS, Valmaria Lemos da Costa. As redes sociais digitais e sua influência na sociedade e educação contemporâneas. **HOLOS**, 2014, vol. 6, p. 307-328. ISSN 1807-1600. Disponível em: file:///C:/Users/Positivo/Downloads/AS_REDES_SOCIAIS_DIGITAIS_E_SUA_INFLUENCIA_NA_SOCIEDADE.pdf. Acesso em: 26 jul. 2020.

SILVA, Guilherme Olivier da; VIOLA, Carolina Gubert; FLEIG, Mário. A prudência em Aristóteles. **Revista controversia**. Unisinos, v. 4, n. 2, p. 44-49, jul./dez. 2008.

Disponível em: <https://revistas.unisinos.br/index.php/controversia/article/view/6748>.

Acesso em: 12 out. 2025.

SPADARO, Antonio. **Quando a fé se torna social**: o cristianismo no tempo das novas mídias. São Paulo: Paulus, 2016.

VÁZQUEZ, Adolfo Sánchez. **Ética**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012.

VERGARA, Sylvia Constant. **Projetos e relatórios de pesquisa em administração**. 12. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

VERGNIÈRES, Solange. **Ética e política em Aristóteles**: physis, ethos, nomos. São Paulo: Paulus, 1998.

VERMELHO, Sônia Cristina et al. Refletindo sobre as redes sociais digitais.

Educação e Sociedade – Revista de Ciência da Educação, Campinas, v. 35, n. 126, p. 179-196, mar. 2014. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/es/a/4JR3vpJqszLSgCZGVr88rYf/?lang=pt>.

Acesso em: 19 jul. 2025.